in "as crianças acusam o imperialismo"
Tribunal Internacional, Luanda, NOV-DEZ 83

TL2966

QUERIDOS CAMARADAS!
AMIGOS!

Nós somos os testemunhos de cumprimento consecutivo, sistemático e activo pelo governo soviético do Programa da Paz, elaborado pelos XIV, XV e XVI Congresso do PCUS. A política leninista da paz exerce grande influência à todas esferas da nossa vida inclusive a educação das nossas crianças, ela encontra ampla repercussão e apoio às pessoas honestas no mundo, todos que amam a paz.

Os cientistas calculam que ao longo de 5,5 mil anos no mundo, tiveram lugar 14 5 mil guerras que levaram 3,6 biliões de vidas humanas. Pode dizer-se com convicção que a metade desses mortos prematuros eram pessoas jovens. Durante a grande guerra patriótica, desencadeada pelos fascistas hitlerianos, morreram 20 milhões de soviéticos. Na época actual, durante agressões e actos de terror desencadeados pelo imperialismo, também os velhos, mulheres e crianças no Líbano, Nicarágua, Salvador, Granada, Angola, Namíbia e nos outros países.

Actualmente, para ensinar um soldado a ciência de destruição, gasta-se 60 vezes mais do que para o ensino de uma criança na escola. Como diz a estatística, em 1981, gastaram-se para fins de armamentos um milhão de dólares em cada minuto. O dinheiro que vai para construir um míssel norte-americano «Pershing 2» será suficiente para alimentar com o pequeno almoço, almoço e jantar 50 milhões de crianças. O imperialismo aumenta a corrida aos armamentos. E faz isso na altura quando cada quinta criança no mundo capitalista e nos países subdesenvolvidos sofre de fome.

A Organização dos Pioneiros da URSS V. I. Lénine, participa e continua a participar em todas as actividades organizadas neste ano por aqueles que lutam pela paz. No dia 26 de Junho do corrente na União Soviética, teve lugar o grandioso referendo da juventude soviética sob o lema «voto pela paz». 70 milhões de boletins foram enviados para a Casa Branca e para o Estado Maior da OTAN em Bruxelas.

Os pioneiros e escolas soviéticas receberam com entusiasmo a decisão da CIMEA de realizar o Estafeta da Paz das Organizações Infantis da Europa no decorrer do Verão do ano em curso. Neste ano, todo o verão dos pioneiros do nosso país passou sob o lema Estafeta. No dia 1 de Setembro do novo ano lectivo, no nosso país foi iniciado pela aula da paz, na qual participaram 45 milhões dos pioneiros escolares. A aula da paz, se tornou numa etapa importante dos preparativos para a celebração do Estafeta da Paz, o nosso país, demonstrou claramente, que para as crianças soviéticas a participação activa na luta pela paz é uma direcção importante de actividade da Organização.

Nós saudamos a decisão do CIMEA, a Organização dos Pioneiros de Angola, da realização em Luanda do Tribunal Internacional *«as crianças acusam o imperialismo»*. Estamos seguros que ele vai contribuir de modo importante ao esforço posterior da luta das crianças de todos os Países e povos pela paz, democracia, independência, progresso social, contra as manobras do imperialismo internacional.

A República Popular de Angola, é objecto de pressão permanente das forças imperialistas encabeçadas pelos Estados Unidos, é o país que sofre as consequências da ocupação pelos racistas sul-africanos duma parte do seu território e onde a contra-revolução goza do apoio do imperialismo internacional, mas apesar disso, Angola era e é o exemplo da intrepidez e do heroísmo para a humanidade progressista. O povo e a juventude de Angola não serão vencidos.

Os pioneiros do país dos sovietes são solidários contigo Angola.

Intervenção da representação da Fretilin — Timor-Leste

ILUSTRES JURADOS!
CAMARADAS E AMIGOS!

Da capital deste país-irmão, saído de uma prolongada e árdua luta contra o colonialismo e o imperialismo, realiza-se este importante acontecimento que é o Tribunal Internacional *«as crianças acusam o imperialismo»*. Oportuna e necessária esta realização. Aos organizadores e, em particular, à Direcção do País-irmão o MPLA-Partido do Trabalho — e ao povo angolano, a nossa homenagem de combatentes. Aqui se encontra representantes de vários países do mundo. É para nós uma alegria e uma honra participar activamente neste acontecimento. O Tribunal tem para nós um sentido pedagógico; apresentaremos as nossas experiências e aprenderemos das outras experiências que aqui trazem outros povos também em luta contra o inimigo permanente, principal e comum — o imperialismo. Temos a ocasião de ficar a conhecer melhor o imperialismo, as suas formas múltiplas de agir além de que este acontecimento permitirá o reforço e o aprofundamento da solidariedade — arma fundamental no combate que travamos. Reforçada vai ficar também a nossa consciência anti-imperialista e revigorada a nossa acção a favor de todos aqueles que se batem pela liberdade, pela dignidade e pela independência — garantes a paz. Nós somos filhos de um povo que conheceu por cinco séculos a opressão colonial. O povo maubere foi capaz, apesar dos cinco séculos de dominação e ocupação estrangeiras, forjar uma identidade própria, criar e desenvolver a consciência da nação. Enquanto a potência colonial holandesa oprimia, explorava e dominava o arquipélago indonésio, em Timor-Leste, na nossa pátria, nós fazíamos face ao colonialismo português. Embora geograficamente distantes dos povos-irmãos que lutavam contra o mesmo opressor, seguíamos atentamente a luta que moviam

para recuperar a liberdade. Condições objectivas permitiriam a partilha da dor, do luto nas prisões para onde fomos enviados. Tudo isto cimentou a amizade combativa que nos une e que se afirma como elemento relevante para as vitórias que estamos a alcançar sobre os nossos inimigos. Derrotado o colonialismo holandês na Indonésia. Os então dirigentes do recém-nascido país respeitaram a personalidade da Nação Timor.

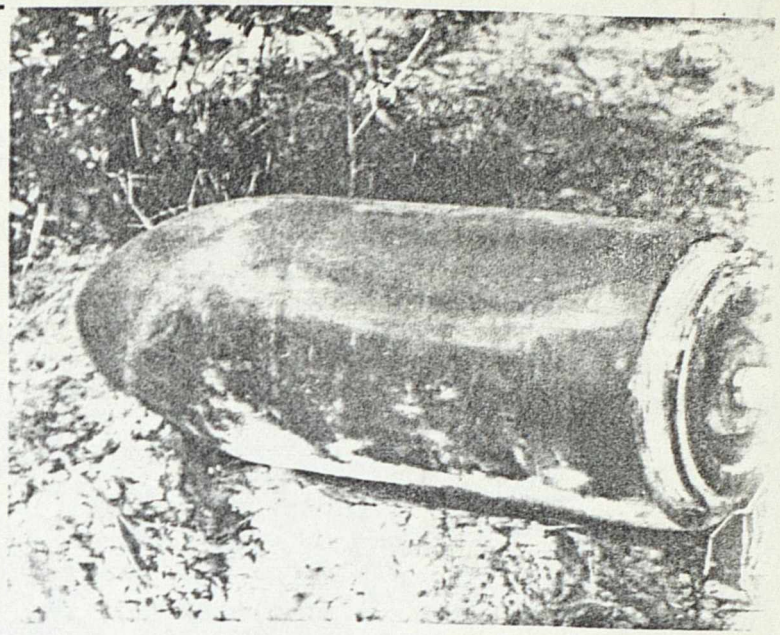
Porém o processo de reconstrução nacional na República da Indonésia sofreu importantes alterações. A política nacionalista do fundador da República da Indonésia e do Movimento dos Não-Alinhados, o Presidente Sukarno, não podia ser tolerada pelo imperialismo que cobiçava as enormes riquezas daquele país e queria fazer dele um ponto de apoio para a sua estratégia na região. Desde os primórdios da República Indonésia, o imperialismo tudo fez para desestabilizar o regime conduzido pelo Presidente Sukarno. Infiltrando-se nas forças armadas da República Indonésia, após ter criado um clima de desestabilidade, o imperialismo através dos seus agentes levou a efeito um golpe de Estado bem sucedido que terminou com a liquidação política do fundador da República Indonésia. É o imperialismo que coloca no poder um dos seus mais fiéis agentes — o General Suharto, actual cabecilha do regime militar e fascista em vigor na Indonésia. Democratas, progressistas, cidadãos simples, comunistas, o povo da Indonésia conheceu a maior tragédia da sua história. Cerca de 1 milhão de patriotas foram massacrados. Centenas de militares foram para as prisões.

Pelo menos, uma ilha — a do Buru — foi transformada em prisão onde chegaram a estar, a viver em condições sub-humanas 30 mil cidadãos indonésios. Importa dizer que até crianças chegaram a estar naquele autêntico campo de concentraçao. Sobre as crianças aí presas, pendia a acusação de que eram filhos de comunistas! A imprensa imperialista tão pródiga

em actos sensacionalistas, pouco falava do mais sangrento golpe de Estado dos nossos tempos. A partir de 1965, o povo maubere tinha como seu vizinho mais próximo um povo submetido a uma cruel ditadura. Tão cruel e sanguinária que Bertrand Russel dizia ter morrido, em três meses, cinco vezes mais gente na República Indonesia do que 12 anos de guerra directa dos americanos no Vietnam. O autor era o mesmo: o imperialismo.

Pouco a pouco, o colonial-fascismo português e o militarismo indonésio entendia-se. Colaboravam. O povo maubere perdera a possibilidade de encontrar na República Indonésia uma base segura para a sua luta de libertação nacional cujo objectivo era e continua a ser a independência total. Afogada em sangue, em 1959, a última das muitas revoltas anti-coloniais, o povo maubere optou por novas formas de resistência à ocupação. Entretanto o novo regime instalado em Djakarta realizava acções militares de teor claramente expansionistas. A luta dos povos contra os seus agressores avançava. No Vietnam, no Laos e no Campuchea, os povos respondiam com determinação à agressão descarada e violentíssima do imperialismo.

Na África colonizada por Portugal, o colonial-fascismo e o seu tutor — o imperialismo — levavam importantes golpes. Em Portugal, as forças democráticas e progressistas registavam avanços. Na prática, o povo de Timor-Leste aprendia que a luta dos povos é a mesma que os povos, com os seus combates, fazem a grande frente anti-imperialista. Dos esforços dos povos oprimidos pelo colonial-fascismo-português, resulta a derrocada da ditadura e a desagregação do império. Em 1975, o imperialismo é vergonhosamente derrotado no Vietnam, no Laos e no Cambodja. Os acontecimentos mudavam a situação na área onde se encontra inserido Timor-Leste e mesmo em Timor-Leste. Novas condições existiam para o povo maubere. Preocupados com a marcha dos acontecimentos, o colonial-expansionismo indonésio e o imperialismo estudavam medidas concretas para impedir a independência do povo maubere. Começam as acções de desestabilização através da criação de uma quinta coluna em Timor-Leste. Tão pouco significado teve esta quinta coluna que as autoridades fascistas da Indonésia passam a ser mais descaradas: ameaçam o povo de Timor-Leste através de um emissor colocado em Timor-Indonésio. Não conseguindo os efeitos, passam a minar o processo de descolonização pelo próprio recurso à força. Mesmo esta medida falhou. O povo maubere, dirigido pelo Comité Central da Fretilin, deu a resposta adequada, frustrando assim mais um plano do inimigo e dos seus patrões. As autoridades fascistas decidem intervir, com grupos armados pertencentes ao seu exército, em Timor-Leste, através das fronteiras. É aí que assassinam cinco jornalistas australianos. A invasão estava iminente, pois mais uma vez, o povo maubere dera uma resposta própria ao agressor, ao perturbador da paz na sua pátria. Em 28 de Novembro, o Comité Central da Fretilin, em nome

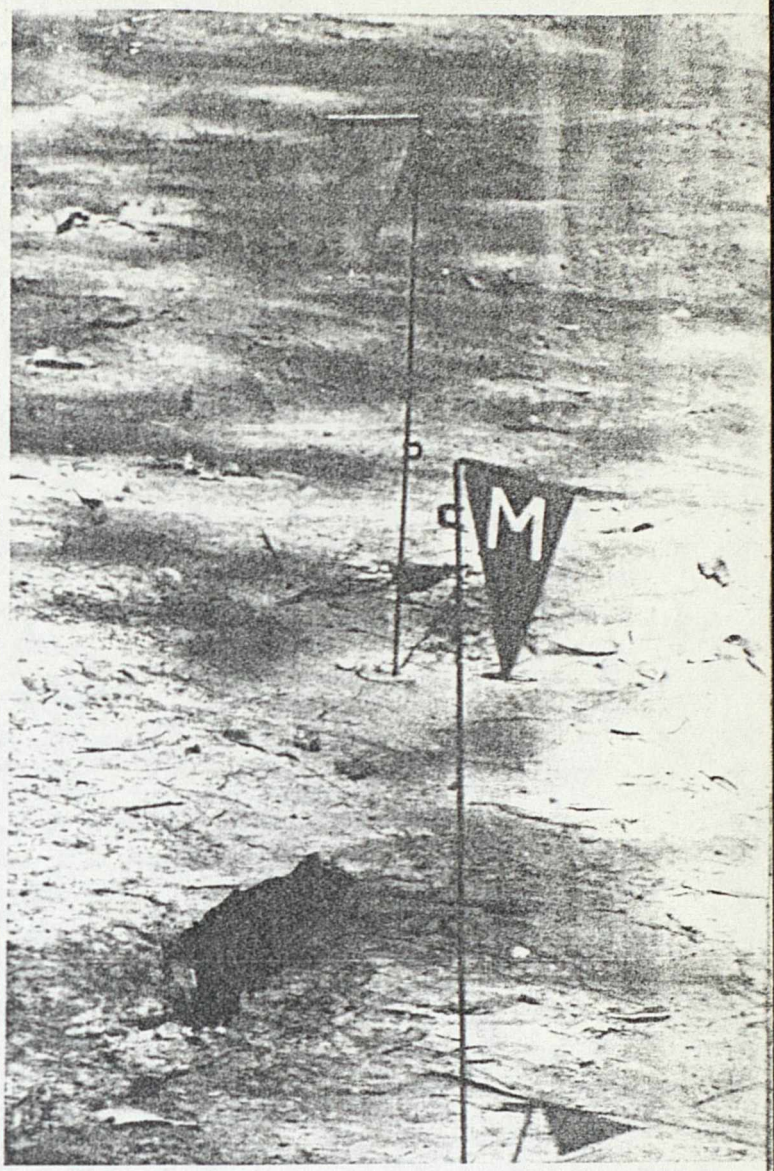


do povo maubere, encarnando as suas aspirações mais nobres, proclama a independência de Timor-Leste e a fundação da República Democrática de Timor-Leste. Dez dias depois, desesperado com a vitória do povo maubere tendo recebido a luz verde do seu patrão, o regime colonial-expansionista da Indonésia invade a República Democrática de Timor-Leste com forças de terra, ar e mar após meses e meses de desestabilização intencional do processo de descolonização em Timor-Leste. Da actividade desestabilizadora, a Indonésia passou à agressão descarada. Vemos semelhanças entre o racismo sul-africano para com a República Popular de Angola e o colonial-expansionismo indonésio em Timor-Leste. Tal como em Angola, o imperialismo instigou o delito. Tanto em Timor-Leste como na República Popular de Angola, o que o imperialismo teme é a mensagem que trazemos. Os nossos povos, dirigidos pela sua vanguarda, demonstram que é possível sair da condição de periférico, de dependente. Tal como são ricas as nossas experiências, é poderosa e estimulante a mensagem que trazemos com a nossa acção. Temos, nós combatentes, o dever de transmitir o que aprendemos na luta de libertação enquanto, por outro lado, a certeza que o relacionamento livre entre os povos é um direito dos povos. Fazendo uso deste direito, cumprimos o dever de transmitir o que ganhamos na luta pela libertação, contra o imperialismo e os seus lacaios. É pois com alegria de militantes que fazêmo-lo. Orientada para servir os interesses do imperialismo, a informação omite e deturpa o que se passa nos nossos países, com os nossos povos. O apartheid não é denunciado; o colonial-expansionismo da República da Indonésia é internacionalmente esquecido quando não apresentado como promotor do bem-estar do povo de Timor-Leste! As tropas internacionalistas de Cuba são apresentadas como a causa do impasse para o processo da independência do povo da Namíbia! Tudo isto é intencional. É o peso da geo-estratégia da informação. É mais uma frente na qual travamos batalhas importantes contra o imperialismo e a sua ordem de informação.

A realização deste Tribunal na ofensiva. Vale a pena ir às raízes dos fenómenos para poder compreender

o facto na sua totalidade, criando assim condições para uma acção correcta. Diz-nos a experiência que este é o caminho que levar-nos-á a compreender o cinismo da famigerada campanha dos Direitos Humanos promovida pelo imperialismo. Perceberemos a falência do humanismo liberal e acabaremos por concluir que o proclamado humanismo do ocidente não é senão o estandarte das forças anti-progresso.

Ao invadir Timor-Leste o colonial-expansionismo indonésio visava impedir o acesso do povo de Timor-Leste à independência, cortando o «mau exemplo» que seria a constituição de um Estado genuinamente independente como seu vizinho. Para além deste objectivo, submeter o povo maubere significaria controlar as riquezas do território e fazer uso da posição geo-estratégica que Timor-Leste ocupa. Estes objectivos obrigaram as autoridades fascistas da República da Indonésia a praticarem deliberadamente crimes, violações aos Direitos mais elementares dos mauberes destacando-se entre eles o direito à auto-determinação consagrado pela resolução 1514 (XV), de 1960, para além de oito resoluções aprovadas pela Assembleia Geral da ONU onde é reconhecido este direito ao povo maubere. Para conseguir os seus intentos, o regime colonial-expansionista da República da Indonésia completamente apoiado pelo imperialismo, lança-se na repressão da cultura e da nacionalidade mauberes. Na prática, estas medidas traduzem-se na proibição do uso da língua nacional de Timor-Leste pelos seus cidadãos, a imposição do islamismo para além de práticas atentatórias do culto animista, como o roubo de artigos que acompanham os mortos nas suas sepulturas. Por outro lado, o regime de Djakarta introduz em Timor-Leste prostitudas que acabou por adquirir raízes visto esta guerra de agressão ter provocado uma degradação das condições de vida. A ausência de emprego, a discriminação social, os desiquilíbrios afectivos que são o resultado da guerra de agressão e de ocupação em Timor-Leste, levaram a profundas transformações nos padrões de vida, nos costumes e nos valores, nas zonas ocupadas pelo inimigo. Vendo a resposta pronta o povo maubere, face à agressão de que é vítima, nada restou ao governo militar e fascista da República da Indonésia senão deitar mão à própria prática deliberada de extermínio, à estratégia do genocídio. O inimigo sacia assim os seus sentimentos de frustração, impontência, raiva e ódio no massacre indiscriminado dos mauberes, independentes do sexo, idade, estado de saúde. Assim é que crianças, mulheres e velhos foram assassinados nas mais bárbaras condições. As tropas indonésias invasoras impotentes, no plano terrestre, recorrem a utilização massiva da aviação para o que receberam todo o apoio do imperialismo. É de salientar que 90% do equipamento militar utilizado pela República da Indonésia na guerra contra o nosso povo é de origem americana. O napalm, o fósforo branco foram empregues contra a produção agrícola num intuíto claro de matar o povo à fome.



A infantaria indonésia metralhava búfalos e outros animais existentes na pátria para privar o povo maubere de recorrer a proteínas. Neste domínio, as estatísticas são unânimes. Curiosamente são as próprias fontes do imperialismo que falam de 300 mil mortos numa população de menos de 1 milhão. Devastada a terra, destruídas aldeias inteiras, o povo desceu às zonas ocupadas pelo inimigo que o concentrou em aldeamentos estratégicos à semelhança do que os agressores americanos fizeram contra o heróico povo do Vietnam. Alteraram-se assim as formas de vida do povo maubere. Entretanto, continuavam as operações militares para consiguirem a destruição completa da direcção da luta armada revolucionária de libertação nacional. Espalham-se campos de concentração. Se, desde o primeiro dia de invasão contra o povo de Timor-Leste, a tortura faz a sua aparição, agora, ela tornou-se uma instituição. Certamente a instituição, na nossa sociedade, da tortura leva-nos a renovar o desejo, a vontade de denunciar os crimes, as monstruosidades e a hipocrisia das autoridades militares do regime de Djakarta. Não é apenas a técnica de tortura que nos preocupa mas o dano que ela causa

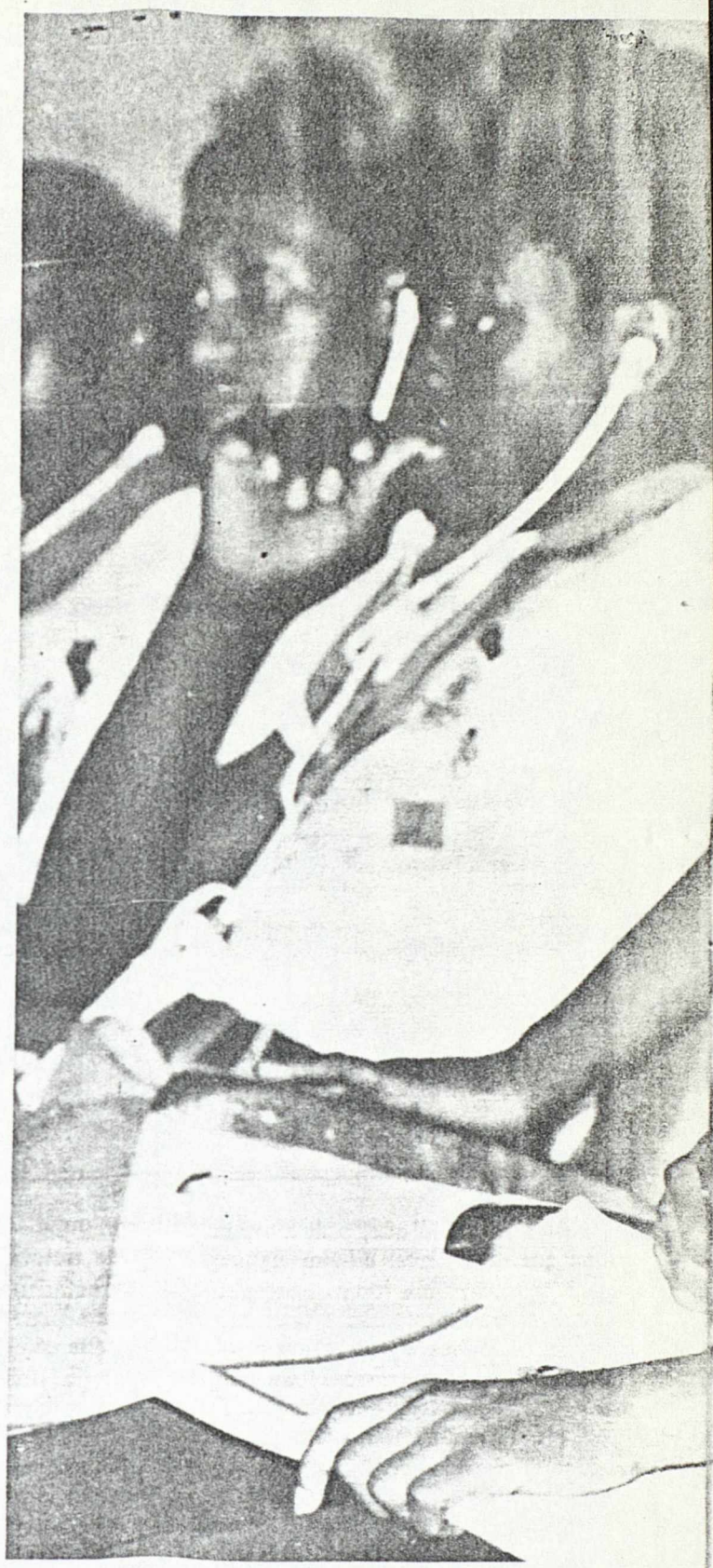
a vítima e aquele que, com a vítima se privam. Sabemos que, por vezes, bastam algumas horas de tortura para provocar uma forte desagregação do ser humano. Como combatentes, isso é chocante e altamente preocupante. Dói-nos a dor vivida pelo torturado, as consequências e repercussões que tudo isto tem na vida dos seus familiares, em particular, nas crianças. Além de que a tortura repercute-se na sociedade que sabe a silencia, provocando assim estes comportamentos importantes alterações na conveniência sadia entre seres humanos. Prestamos atenção ao choque que representa, para a grande maioria das pessoas, viver numa sociedade onde a tortura é uma instituição. Impressiona-nos o silêncio a que, não poucas vezes, se vêm reduzidas as vítimas que se tornam assim incapazes de comunicar o vivenciado. Choca-nos pois constatar que, o agente é um ser humano que, para conseguir os objectivos imundos emprega técnicas científicas que violam, agridem e destroem o seu semelhante. Não sabemos, por agora, as consequências destas práticas no domínio da afectividade, na esfera da sensibilidade, nos valores, na própria condição do ser humano. Sabemos isso sim que estamos perante um novo tipo de feras — os torturados. Verificamos a labilidade, a fragilidade a que ficam reduzidas as vítimas de tortura. Importa salientar que é um sistema o agente causador destas transformações, é pois o imperialismo que produz «especialistas» profissionais de tortura.

A tortura é planeada, é um elemento que faz parte da estratégia indonésia em Timor-Leste. Somos capazes de provar com recurso a um manual capturado pelas nossas FALINTIL em Dezembro do ano passado, no quadro da contra-ofensiva estratégica da FRETILIN. Esse manual que contém instruções precisas sobre a destruição das rodas clandestinas da FRETILIN versa também sobre a tortura. Como tortura para obter transformações, como tornar eficaz a tortura pois que, segundo os seus especialistas, o público não pode tomar conhecimento de tudo o que se passa entre os torturadores e as vítimas!!! São dadas instruções precisas sobre a utilização de fotografias referentes às sessões de tortura. São aspectos da guerra psicológica que o agente do imperialismo — o colonial-expansionismo indonésio leva a efeito na nossa pátria. Não obstante as boinas de todas as cores, os soldados de todos os tamanhos e feitios, os tanques, helicópteros, os caças, o napalm, os desfolhantes e outro tipo de material bélico para agredir o povo maubere. Impotente, o inimigo declara também guerra psicológica. Durante as operações de limpeza e desde que eles começaram a ter lugar em Timor-Leste, os mais altos responsáveis da Indonésia falaram as sua tropas apontando as crianças como semente do comunismo. Ao referir-se ao comportamento que as tropas devem ter para com as crianças, os mais altos responsáveis indonésios dizem e eu cito «Quando se limpa o terreno matam-se todas as cobras, tanto pequenas como grandes». Assim é que na operação chamada de Pacificação, de Setembro de 1981, os carrascos indonésios pegaram pelos pés das crianças da mais tenra idade, e jogavam-nas de encontro às escarpas das montanhas. Cumpriam assim as ordens dos seus generais. O regime militar e fascista da República da Indonésia utiliza os homens como ferramentas de destruição doutros homens. Porém, o imperialismo com os seus agentes, com a sua acção, provocam mudanças que eles próprios não podem controlar. Assim, em Timor-Leste, após observarem a chacina de crianças na minha pátria, alguns soldados indonésios recusaram-se a cumprir ordens dos seus chefes. A autoridade do inimigo no seu próprio exército foi minada. Alguns destes homens que deviam tornar-se máquinas de matar, descobriram o sentido do legítimo, do justo na luta de libertação do povo maubere. É com a sua ajuda que nos é possível apresentar fotografias que documentam a maneira como o exército ocupante se comporta na nossa pátria. Esta é pois uma vitória do nosso povo, e é também uma vitória para as forças democráticas na própria Indonésia. Oito anos de agressão e ocupação contínuas da nossa pátria, produziram algumas trans-

formações no seio da sociedade indonésia. Actualmente, existem naquele país do Sudueste Asiático sectores amplamente favoráveis à luta de libertação do povo e nação Timores, sectores que vêm no nosso processo de emancipação um catalizador no processo de avanço democrático que tem lugar na própria indonésia. Suspendem-se jornais que falam da luta de libertação maubere ao mesmo tempo que se afastam responsáveis da defesa indonésia, pela sua incapacidade em Timor-Leste. O inimigo faz face a uma nação inteira que resiste e luta. O povo maubere está consciente dos seus deveres e cumpre, com abnegação, as suas obrigações para com a humanidade nesta longa marcha para a libertação.

Impotente o invasor deita mão à manipulação de crianças com o objectivo de detectar as bases de resistência clandestina nas zonas que criminosamente ocupa. Mais uma vez o regime colonial-expansionista da Indonésia se assemelha ao sistema nazi. A baixeza moral do inimigo está bem patente nesta prática: tornar a criança um colaborador, um denunciante, explorando a sua inocência. Perante este Júri da consciência que encara os valores mais gratos ao homem, acusamos o imperialismo e o seu principal agente na área — o colonial-expansionismo indonésio de mais este crime hediondo. Não bastam os atentados à cultura, à identidade nacional, à maneira singular como o maubere se coloca no mundo, não chegam os crimes como a edificação de colonatos indonésios no país maubere, a pilhagem dos recursos económicos que enriquece a classe compradora da Indonésia, o inimigo tudo faz para minar as estruturas mentais as nossas crianças, tudo faz para incutir nelas o ódio, a desconfiança e o sentimento de impotência.

Não é sob esta atmosfera que a criança pode crescer sadia. Não é neste ambiente de terror que a criança maubere pode materializar um dos seus direitos mais sagrados: O direito do futuro, o direito à esperança. Entendemos que a passagem da criança a adulto envolve um sistema de valores que dá sentido a cada etapa da vida. Como combatentes que reforçamos, na luta de libertação, o amor à vida, às características e potencialidades que cada uma das suas etapas encerra, acusamos o colonial-expansionismo de Djakarta, da destruição da riqueza que está implícita no desenvolvimento das nossas crianças. Com a política de extermínio deliberado da Nação Maubere, o regime de Djakarta destrói lares e com eles destrói a possibilidade das nossas crianças-Futura da nossa Pátria — gozarem do amor, da compreensão, dos laços efectivos que ligam a criança aos seus pais e que são a condição do seu crescimento. A destruição destes laços provoca uma alteração radical harmoniosa do crescimento da criança, uma perturbação profunda no processo de aprendizagem, um ataque à qualidade de vida da crianca maubere. Existem, como produto desta guerra criminosa, muitos órfãos na nossa pátria; sem amparo, sem qualquer lar que os abrigue, tornam-se dependentes dos invasores em todos os aspectos. Desde a utilização da criança como denunciante até a sua integração forçada no mundo dos valores que o inimigo procura impor em Timor-Leste, tudo é feito para destruir o futuro do povo maubere, da nação Timor. É em nome destas crianças que continuamos o combate árduo, sangrento e difícil, na nossa pátria. Nos campos de concentração, nas vilas ocupadas pelo invasor, as células que formam a nossa resistência clandestina actuam levando a mensagem da libertação, aprofundam a confiança na vitória. Esta guerra de agressão



e ocupação, levou o inimigo a bloquear Timor-Leste e, consequentemente, caiu sobre Timor-Leste a cortina do silêncio. Porém, criadoramente, os mauberes descobriram formas de fazer ouvir a sua voz no mundo. Recentemente, chegaram documentos enviados pela nossa direcção, no interior da pátria, que evidenciam de uma forma inequívoca a resistência do povo maubere e as atrocidades levadas a efeito pelo cruel inimigo. A resistência é feita por todo o povo, é o próprio Comandante-Chefe e Presidente do Conselho Revolucionário de Resistência Nacional o Camarada XANA GUSMÃO, que o diz: «se somos o factor determinante, a resistência à ocupação estrangeira na nossa pátria é património sagrado do povo maubere». Neste ano, face às acções político-militares das nossas forças armadas e à resistência organizada de todo o povo, o inimigo pediu conversações com a Direcção Política do povo maubere. Com efeito, em Março deste ano, em Lari Gutu, Região Militar Central NAKROMA, nas áreas libertadas do nosso país, tiveram lugar conver-

sações preliminares entre uma delegação da FRETILIN, dirigida pela Camarada KAY RALA XANAN GUSMÃO, Presidente do CRNN e Comandante-Chefe das FALINTIL e, uma delegação do regime Djakarta conduzida pelo Coronel Purwanto, Comandante supremo das forças invasores. Como resultado, foi acordado um cessar-fogo. Mais um desafio se colocara ao povo maubere: como aproveitar este contrato viciado mas necessário, celebrado com o inimigo? A resposta foi clara; organizando-nos ainda mais por todo o território pátrio, neste período de tréguas que, desde o início, sabíamos que ia ser provisório. À mesa das conversações, onde estavam presentes os símbolos da nossa soberania, os nossos dirigentes apresentaram as exigências para a solução do conflito que opõe a Nação Maubere ao regime militar e fascista da Indonésia. Em Junho, em nome do Governo Indonésio, Beni Murdani, chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas Indonésias, escrevia uma carta datada de 25 do referido mês, ameaçando a Direcção Política da nossa pátria com uma invasão de 80 mil soldados enquadrados numa operação militar baptizada de TERSATUAN. Entretanto, na arena internacional, os diplomatas do regime apresentavam as conversações preliminares que, começaram por negar, como um acto de rendição das nossas forças. Porém, não puderam esconder o facto delas terem tido lugar nas áreas libertadas e sob os símbolos da soberania maubere — as bandeiras da FRETILIN e da RDTL. Antes de violarem o acordo de cessar-fogo, as autoridades indonésias convidaram uma delegação australiana a visitar Timor-Leste. De facto, esta foi a última a estar no nosso país antes do recomeço das hostilidades. Em Agosto, chegaram 20 mil soldados que se juntaram aos efectivos já existentes, a fim de começar a planeada operação TERSATUAN. Helicópteros, aviões de transporte militar, aviões de contra-guerrilha, barcos carregados de tropas e armas, chegaram a Díli, capital ocupada da nossa pátria. O cenário estava montado. Novamente, as FALINTIL e os milicianos eram chamados para defenderem a pátria. Com a visita da delegação australiana, ficou a conhecer a vida miserável dos campos de concentração, os modos empregues pelo inimigo na chacina dos patriotas, através de uma lista de pessoas que as autoridades indonésias fizeram desaparecer e ou liquidaram pelo facto de suspeitarem que as referidas pessoas actuavam na resistência clandestina ou por terem parentes nas zonas libertadas. As autoridades indonésias cancelaram voos organizados pelo Comité Internacional da Cruz Vermelha que se destinavam a transportar crianças e seus parentes próximos para países como a Austrália e Portugal. O serviço postal voltou a estar sob rigoroso controlo; a violação da correspondência entra no dia-a-dia.

O dinheiro enviado pelos refugiados, os seus parentes deixa de chegar a Timor-Leste, sob a acusação de que, com esse dinheiro, a FRETILIN adquire medicamentos nas áreas ocupadas pelo inimigo. Os torturadores voltam à cena e o recolher obrigatório, às seis da tarde, voltou a ser um facto. De novo, os mesmos com-

patriotas estão sujeitos ao choque eléctrico, às violações, ao prazer sádico da soldadesca e oficialagem invasoras. O cenário descrito pelo camarada XANANA GUSMÃO, Presidente do CRRN e Comandante-em-Chefe das FALANTIL, na mensagem dirigida ao Presidente da Assembleia Geral da ONU, em 1982, volta a ser um facto em Timor-Leste. Uma Nação inteira ao cerco colonial-expansionista e imperialista, luta com determinação crescente contra os planos dos seus inimigos que visam incutir o sentimento de solidão num mundo que o homem com a sua inteligência destruiu distâncias.

No horizonte, mais uma vaga genocida abater-se-á sobre Timor-Leste. Nos olhos das crianças do país maubere, novamente a tristeza, a amargura pela perda dos seus pais, parentes e amigos. Porém toda esta acção do inimigo, revela aquilo que o inimigo se esforça por ocultar a resistência e a luta organizada de todo o povo, dirigido pelos seus melhores filhos, pela FRETILIN. Nos finais de Agosto, o exército invasor experimentava mais uma pesada derrota e, por isso, uma outra operação baptizada de SAPU BERCI (vassourada) começava em Setembro. O regime militar e fascista de Djakarta volta a dispender com a guerra de agressão mais de um milhão de dólares, por dia. Planeada para durar um mês, esta operação conhecerá o seu fim em Janeiro.

São os seus responsáveis que o dizem. Mais uma vez o exército indonésio foi capaz de liquidar a FRETILIN. Propõe como prazo o mês de Janeiro do próximo ano. Curiosamente todos os anos dizem que vão acabar com a FRETILIN; passam-se oito anos e conti-

nuam a produzir planos e realizar operações com o objectivo de eliminar a FRETILIN.

A agressão levou homens que outrora partilhavam apenas o passado e a terra, a partilharem uma pátria, a comungarem um local comum. Esta comunidade de homem que prepara o futuro, foi capaz de produzir, sobre condições árduas e difíceis, um comando forte e coeso. E este comando, e esta direcção levou o inimigo à busca do diálogo. De adversário negado, passamos a adversário respeitado. «O factor subjectivo do comando é o determinante na condução da nossa guerra para a vitória» disse o camarada KAY RALA XANANA GUSMÃO, Presidente do CRRN e Comandante-em-Chefe das. FALINTIL. Por isso, dizemos que a guerra de agressão movida contra a pátria maubere está grávida do seu contrário: a resistência e a luta organizadas do povo e Nação Timores, sob a condução esclarecida da Direcção Política da FRETILIN. As crianças mauberes não são órfãs do futuro, não são órfãs da esperança.

REISISTIR É VENCER!
PÁTRIA OU MORTE!
A LUTA CONTINUA!
A VITÓRIA É CERTA!

Intervenção do Pioneiro Mohamed Fadel Ul Lidi da República Árabe Saharaui Democrática

CAMARADAS
DO PRESIDIUM DO TRIBUNAL
CAMARADAS DELEGADOS!

Trago-lhes as saudações militantes dos Pioneiros da Revolução, do povo da República Árabe Saharaui Democrática. Trago-lhes igualmente uma mensagem de paz e de fraternidade das crianças saharauis que vêm sofrendo, mais de 8 anos as calamidades do êxodo e refúgio.

Quero expressar os meus melhores agradecimentos à Organização de Pioneiros de Angola (OPA), ao Movimento Pan-Africano da Juventude (MPJ) e ao CIMEA pelo convite que nos dirigiram a fim de unir o nosso grito de denúncia, ao de todas crianças do mundo contra o imperialismo, e expansionismo, o neocolonialismo, o sionismo e o apartheid, responsáveis directos das atrocidades que sofreram e continuam sofrendo ainda os nossos povos, agora me limitarei a testemunhar sobre as crueldades do imperialismo e dos seus lacaios na nossa região do Nordeste Africano